

A CRISE AMBIENTAL: UM CONTEXTO PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Bethânia Leite, Unifimes
Bethanialeite.m@gmail.com
João Pedro Novais, Unifimes
Jnovaisq@gmail.com
Márcio Aurelio, Unifimes
marcioaurelio@gmail.com
Valéria Felipe, Unifimes
valleriafelliipe13@gmsil.com
Zaqueu Henrique, Unifimes
zaqueu@fimes.edu.br

Resumo: A sociedade contemporânea está inserida em uma crise socioambiental jamais vista em outros tempos. No entanto, a crise social promovida pela desigualdade de acesso aos bens de produção e consumo básico sempre existiram, o que aprofundou neste momento é a crise ambiental. Para analisar o surgimento da crise socioambiental é preciso entender que as alterações que construíram uma sociedade consumista, uma delas está no apartamento do consumo e da produção, ou de quem consome e quem produz, ou onde se consome e onde se produz, criando assim uma classe social impedida de produzir por não ter acesso aos bens de produção, o que resta então é vender a mão de obra e comprar as formas de sobrevivência que o mercado oferece. O modelo de vida em que a economia está no centro, não apenas no centro, mas no topo e na base, é vista como elemento mais importante para a sociedade capitalista em detrimento das demais dimensões que envolvem uma realidade social. Nesse caso, o espectro de “desenvolvimento” emerge como sinônimo de poder de capital. Portanto, o espanto que emerge neste momento é a crise ambiental e o alargamento da crise social já existente, dado ao uso e à disposição do modelo técnico-científico-informacional, desumanizado, criado pela sociedade humana, que coloca a sociedade fora da natureza criando um dualismo ser humano versus natureza

Palavras-chave: Desenvolvimento; sociedade; crise ambiental.

Introdução

Para analisar o surgimento da crise socioambiental é preciso entender que as alterações que construíram uma sociedade consumista, uma delas está no apartamento do consumo e da produção, ou de quem consome e quem produz, ou onde se consome e onde se produz, criando assim uma classe social impedida de produzir por não ter acesso aos bens de produção, o que resta então é vender a mão de obra e comprar as formas de sobrevivência que o mercado oferece em outro nível o ritmos da sociedade industrial. Cria-se a ilusão de que, embora existam desigualdades sociais evidentes demais para serem escamoteadas, todos os homens têm igual poderio sobre a natureza. Todos, até os mais subjugados, têm o poder de subjugar as forças da natureza. Assim, o desequilíbrio ecológico e a planetarização de uma sociedade que, se desenvolvendo sob a ideologia do individualismo e



da pretensa igualdade de todos, caminha hoje para uma tecnocracia totalitária, são aspectos de um mesmo fenômeno (UNGER, 2009, p. 149).

Dessa forma, para o entendimento da condição da crise socioambiental faz-se necessário compreender como se chegou a essa conjuntura; nesse caso, Marx e Engels (2006) afirmam que a sociedade burguesa moderna, oriunda do fim da sociedade feudal, não suprimiu a estrutura de desigualdade.

Metodologia

A metodologia usada neste trabalho foi exploratório. Que procedeu inicialmente com pesquisas relacionadas com a crise ambiental em um contexto de educação ambiental.

Resultados e discussão

O mundo vem passando por transformações e os lugares vão se transformando também. Os lugares precisam se desenvolver, como menciona Gómez (2002, p. 1), “Ninguém pode estar contra o desenvolvimento. Quem seria capaz de desejar que uma criança, uma planta ou a sociedade em seu conjunto não se desenvolvesse, não melhorasse?” Desse modo, todos são a favor do desenvolvimento, mas, ao longo dos anos, o desenvolvimento foi sendo confundido com crescimento econômico, fazendo com que os lugares crescessem com anomalias ambientais e sociais. Para Jimenez e Terceiro(2009), o desenvolvimento é utilizado como sinônimo de crescimento econômico e, para justificar essa idéia, tenta sempre usar os índices econômicos, de produtividade, de rendimento, de acumulação, mas isso não é suficiente, pois se refere apenas ao desdobramento quantitativo, e o desenvolvimento precisa de melhorias qualitativas.

O desenvolvimento e o progresso tornaram-se sinônimo de crescimento econômico, em detrimento das demais dimensões de uma sociedade, colocando em risco a sobrevivência da própria sociedade; porém, deve-se ressaltar que as populações mais pobres são as mais afetadas pelos impactos ambientais, apesar de os mais ricos serem responsáveis pela maior parte do consumo e, por sua vez, pela maior parte dos impactos socioambientais (PORTO-



GONÇALVES, 2006). Nesse contexto, a proposta de sustentabilidade se apresenta como contraponto à proposta de desenvolvimento de Furtado (1974), que tem como objetivo principal o 38 crescimento econômico. Já a proposta de desenvolvimento de Sachs (2004) acrescenta a dimensão da sustentabilidade social e ambiental, estruturando-se em cinco pilares básicos que são, social, ambiental, territorial, econômico e político, colocando, assim, em condição de equidade as demais dimensões da sociedade. Santos (2002), em suas análises sobre a possibilidade de outra globalização, aponta na direção contrária ao capitalismo hegemônico, na qual prevê uma outra realidade em que o ponto de partida seria a vida, a coletividade, o bem comum para construir a base para uma nova economia e um novo espaço geográfico. Assim, o alargamento da crise social e a ascensão do capitalismo provocam uma maior pressão sobre os patrimônios naturais, criando uma conjuntura para a crise socioambiental, que vai envolver todas as partes do globo e todas as sociedades. Em nome do progresso e do desenvolvimento, em um contexto de dominação e expropriação do direito aos bens essenciais para a vida, emerge a crise socioambiental, quando a natureza passa a ser restringida apenas a uma fonte de matéria-prima, cujo único valor reside em atender os desejos humanos (UNGER, 2009). Assim, a crise socioambiental está diretamente relacionada ao modo de ser, de produzir e de viver da sociedade (PORTO-GONÇALVES, 2005).

Para superar crise socioambiental, um dos possíveis caminhos é a educação, no entanto, não é qualquer educação que é capaz de construir novas possibilidades para o futuro da humanidade, pois há educação que deseduca. Entretanto, no contexto de uma educação que deseduca, abre lacunas que permitem pensar outra educação. Nenhuma educação que se distancia da realidade da sociedade não pode ser chamada de educação. Segundo Brandão (1981 p. 7), “ninguém escapa da educação, pois ela está presente em toda a sociedade”, e além disso, é a responsável pela transmissão de valores. Jaeger (2013) concorda com isso, declarando que: A educação participa na vida e no crescimento da sociedade, tanto no seu destino exterior como na sua estruturação interna e no desenvolvimento espiritual; e, uma vez que o desenvolvimento social depende da consciência dos valores que regem a vida humana, a história da educação está essencialmente condicionada pela transformação de valores válidos para cada sociedade. (JAEGER, 2013, p. 2). Não se desconsideram os avanços gerados pela proposta de sustentabilidade, percebe-se que ela está centrada inicialmente na ecologia,



posteriormente na economia, para depois alcançar as demais ciências. E para que a sustentabilidade seja efetivada é preciso construir uma postura ética da sociedade (SACHS, 2004). Para Leff (2010 p. 161), “Os requerimentos de conhecimentos para a construção de uma nova racionalidade ambiental dependem da perspectiva ideológica e política na qual se gera a demanda.” A construção de valores de uma ética ambiental na perspectiva ideológica passa, dentre os vários processos de uma sociedade complexa, pela educação, à qual está submetida a sociedade, não apenas pela educação escolar, mas pelo processo de formação do sujeito ativo na sociedade, portanto, uma educação capaz de formar cidadão que seja capaz de refletir criticamente sobre seu espaço e promover intervenções neste espaço, saindo da condição de espectador passivo e indo à direção de um sujeito ativo. Para isso, o processo educacional precisa romper com a linearidade, a fim de se construir possibilidade de construção do saber sobre o próprio lugar, permitindo uma leitura de mundo não hegemônica, pois, segundo Leff (2010, p. 26), “O saber sobre a realidade produz-se como efeito de práticas sociais diferenciadas.” Conforme Shiva (2003, p. 81), um pré-requisito importante para a libertação humana é a democratização do saber, pois o humano é excluído da sua própria estrutura no sistema de saber contemporâneo.

Considerações finais

Em uma perspectiva histórica, para se pensar as desigualdades sociais, como parte do centro da crise ambiental, é preciso ter claro que a crise social se arrasta por muitos séculos, mas o que tem acontecido é a expansão de uma problemática e a má distribuição e uso dos elementos naturais necessários à vida, formando uma conjuntura de crise ambiental.

Para superar crise socioambiental um dos possíveis caminhos é a educação, no entanto, não é qualquer educação que é capaz de construir novas possibilidades para o futuro da humanidade, pois há educação que deseduca. Entretanto, no contexto de uma educação que deseduca, abre lacunas que permitem pensar outra educação.



Referências

PITANO, Sandro de Castro; NOAL, Rosa Elena. HORIZONTES DE DIÁLOGO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL: CONTRIBUIÇÕES DE MILTON SANTOS, JEAN-JACQUES ROUSSEAU E PAULO FREIRE. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 03, p.283

JAEGER, Werner. PAIDÉIA: A Formação do Homem Grego. 6. ed. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2013. 1433 p. Artur M. Parreira.

UNGER, Nancy Mangabeira. Crise Ecológica: a deserção do espaço comum. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 3, n. 43, p.147-155, set. 2009. Semestral. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/9542>>. Acesso em: 23 jan. 2015.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Manifesto do Partido Comunista (1848). Porto Alegre: L&M Pocket, 2006. 132 p. (Coleção L&M Pocket). Sueky Tomazino Barros Cassal.

PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Os (des) caminhos do meio ambiente. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

LEFF, Enrique. Saber Ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade, Poder. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. Tradução de Lucia Matheil de Endlic Orth.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação. São Paulo: Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos).

GÓMEZ, Jorge Montenegro. CRÍTICA AO CONCEITO DE DESENVOLVIMENTO. Revista Eletrônica Pegada. Volume 3 no 1 de Outubro de 2002.

JIMENEZ, Susana; TERCEIRO, Emanoela. A CRISE AMBIENTAL E O PAPEL DA EDUCAÇÃO: UM ESTUDO FUNDADO NA ONTOLOGIA MARXIANA. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 25, n. 3, p.299-325, dez. 2009.

FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento econômico. São Paulo: Circulo do Livro, 1974.

PORTO-GONÇALVES. A Globalização da Natureza e a Natureza da Globalização. 3. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 2006.

SANTOS, Milton. A Natureza do Espaço. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SHIVA, Vandana. Monoculturas da Mente: perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Gaia, 2003. 236 p.



LEFF, Enrique. Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p.17-24, 20 dez. 2009. Quadrimestral.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. 256 p. (Docência em Formação Problemáticas transversais).

CARVALHO, Isabel Cristina Moura; FARIAS, Carmen Roselaine; PEREIRA, Marcos Villela. MISSÃO “ECOCIVILIZATÓRIA” E AS NOVAS MORALIDADES ECOLÓGICAS: A EDUCAÇÃO AMBIENTAL ENTRE A NORMA E A ANTINORMATIVIDADE. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 14, n. 2, p.35-49, 10 dez.2011.

REIGOTA, Marcos. Meio Ambiente e Representação Social. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010. 93 p. (Questões de Nossa Época).

LOUREIRO, Carlos Frederico B.. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2012. 165 p.

FREIRE, Paulo. Educação como prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MANSOLDO, Ana. Educação ambiental na perspectiva da ecologia integral: como educar neste mundo de equilíbrio. São Paulo: Autêntica, 2012.

SILVA, Silvana do Nascimento. CONCEPÇÕES E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MEIO AMBIENTE: UMA REVISÃO CRÍTICA DA LITERATURA. In: VII ENPEC, 7., 101 2009, Florianópolis. Anais... .Florianópolis: Enpec, 2009. p. 1 - 12.

Dos autores

